



Notícias do Plano Nacional de Cinema (PNC) Ano Letivo 2016-17 | setembro-outubro

No início de mais um ano letivo, a equipa do PNC (operacionalizada pela Direção-Geral de Educação, pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual e pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema) vem desejar a todas as equipas do PNC a nível de escola e às respetivas comunidades educativas um excelente ano de atividades. Aproveitamos também para partilhar algumas informações e iniciativas que marcam estes primeiros meses do ano letivo.

PRÓXIMO EVENTO NO MÊS DE OUTUBRO

2.^a Conferência

Plano Nacional de Cinema

Entre Espaços: a Escola e o Cinema



**Sala Félix Ribeiro, Cinemateca Portuguesa- Museu do Cinema, Lisboa
8 | outubro | 2016**

Neste arranque de mais um ano letivo considera-se oportuno fazer um balanço sobre a implementação do **Plano Nacional de Cinema (PNC)**, refletir sobre a (s) experiência (s) adquirida (s) e, simultaneamente, perspetivar caminhos que devem ser traçados no novo ano letivo. Assim, vão ter lugar as 2.^{as} Conferências «**Entre Espaços: a Escola e o Cinema**», no dia 8 de Outubro, com o objetivo de dar voz a responsáveis de instituições culturais e educativas, cineastas e docentes, contribuindo para o debate sobre a formação de públicos de cinema em contexto educativo, valorizando o ato de ver cinema enquanto arte, e ouvindo as experiências de diversas personalidades e artistas neste âmbito.

As conferências contam com as presenças de Miguel Honrado - Secretário de Estado da Cultura, João Costa - Secretário de Estado da Educação, José Manuel Costa - Diretor da Cinemateca Portuguesa, Rui Machado - Subdiretor da Cinemateca Portuguesa, Eulália Alexandre – Subdiretora Geral da Direção - Geral da Educação, Ana Costa Dias – Vice-Presidente do Conselho Diretivo do Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) e Elsa Mendes - Coordenadora nacional do PNC.

Os convidados para participarem nas Conferências são Guilherme d'Oliveira Martins, Maria Emília Brederode Santos, Luís Filipe Rocha, Margarida Cardoso, Pedro Serrazina e Jorge Leitão Ramos. Além destes convidados, irão também participar docentes de diversos estabelecimentos de ensino integrados no PNC. Estas conferências são organizadas pelo Plano Nacional de Cinema (PNC) e são gratuitas, embora seja necessário fazer uma inscrição prévia na página da DGE.

Fonte: PNC/DGE

A COLABORAÇÃO ENTRE INSTITUIÇÕES CULTURAIS E EDUCATIVAS NO PNC

A noção de promover sessões de cinema em sala relaciona-se diretamente com a diretiva da formação de públicos para esta forma de arte (Lei do Cinema e do Audiovisual, 2012). Já em 1998, João Mário Grilo afirmava que cuidávamos pessimamente da memória do público e que uma das formas mais aceitáveis para criar público de cinema era levar os alunos às salas de cinema.¹ No contexto do PNC, esta ideia significa criar condições progressivas para que os estudantes possam conhecer prioritariamente obras cinematográficas, nomeadamente as nacionais. Criado no âmbito do PNC, o dispositivo «O Cinema está à tua espera» consta de uma programação de cinema com sessões criadas em articulação com instituições e equipamentos culturais, para os alunos terem oportunidade de ver cinema português, gratuitamente, valorizando o lado singular do cinema enquanto experiência coletiva.² Consideramos importante resgatar esta vertente sempre mencionada e valorizada por cinéfilos, não obstante as mudanças que o avanço da técnica tem produzido na moderna cinefilia, na cultura fílmica e no consumo do cinema³, e não obstante consideramos que é igualmente importante acolher e acautelar novos paradigmas de cinefilia⁴ nas práticas implementadas no âmbito do PNC.

1 - GRILO, João Mário (1998) — “Carta”. In: ANTÓNIO, Lauro (coord.) — *O Ensino, o Cinema e o Audiovisual*. Porto: Porto Editora.

2 - LOPES, João (2014) — “Opinião – Aprender a ver Cinema”. In: *Diário de Notícias*, 16 de maio de 2014.

3 - ROSENBAUM, Jonathan (2010) — *Goodbye Cinema, Hello Cinephilia: Film Culture in Transition*. Chicago: Chicago University Press.

4 - ALVES, Pedro (2012) — ‘Por la democratización del cine – una perspectiva histórica sobre el cine digital’. In: *Revista Icono 14*, ano 10 vol. 1.

No sentido de estreitar a relação entre as instituições culturais e as instituições educativas, vários espaços culturais têm sido mobilizados. Ao longo do ano letivo 2015-2016, os espaços que se apresentam na tabela foram utilizados por milhares de alunos de estabelecimentos de ensino nacionais, no âmbito do dispositivo «O Cinema está à tua espera», para assistirem a projeções de cinema português apresentadas por diversos convidados.

Fonte: PNC/DGE

COLABORAÇÃO DE INSTITUIÇÕES/EQUIPAMENTOS CULTURAIS COM O PLANO NACIONAL DE CINEMA

DISTRITO DE BRAGA – 6 SALAS

CINECLUBE DE BARCELOS – Auditório Municipal Teatro Gil Vicente
CINECLUBE DE JOANE /Casa das Artes – Fimalicão
CINEMAS NOS – BRAGA PARQUE
THEATRO CIRCO – BRAGA
ESPAÇO GNRATION - BRAGA
AUDITÓRIO MUNICIPAL VIEIRA DO MINHO

DISTRITO DE BRAGANÇA – 1 SALA

AUDITÓRIO MUNICIPAL DE TORRE DE MONCORVO

DISTRITO DE VILA REAL – 2 SALAS

AUDITÓRIO MUNICIPAL DE MESÃO FRIO
CINEMAS NOS – DOLCE VITA – VILA REAL

DISTRITO DO PORTO – 8 SALAS

CINECLUBE PORTO - Sala Henrique Alves Costa
TEATRO RIVOLI - PORTO
CINEMAS NOS – GAIA SHOPPING E PAÇOS DE FERREIRA
TEATRO MUNICIPAL VILA DO CONDE
CINETEATRO EDUARDO BRAZÃO – Vila Nova de Gaia
AUDITÓRIO MISERICÓRDIA E AUDITÓRIO MUNICIPAL - SANTO TIRSO

DISTRITO DA GUARDA – 2 SALAS

AUDITÓRIO CENTRO CÍVICO MANTEIGAS
AUDITÓRIO TEATRO MUNICIPAL DA GUARDA

DISTRITO DE VISEU – 6 SALAS

CINECLUBE DE VISEU
CINEMAS NOS – Palácio do Gelo - Viseu
CASA CULTURA DE SANTA COMBA DÃO
AUDITÓRIO MUNICIPAL DE RESENDE
AUDITÓRIO DO IPDJ – VISEU
CINETEATRO VOUZELA

DISTRITO DE AVEIRO – 7 SALAS

CINECLUBE DE AVANCA
AUDITÓRIO CENTRO CULTURAL VALE DE CAMBRA
CENTRO MULTIMEIOS – ESPINHO
CINETEATRO ALBA - ALBERGARIA-A-VELHA
CINETEATRO DE ESTARREJA
AUDITÓRIO DO CASINO MUNICIPAL E AUDITÓRIO BIB. MUNICIPAL DE ESPINHO

DISTRITO COIMBRA – 3 SALAS

AUDITÓRIO MOSTEIRO SANTA CLARA - COIMBRA
AUDITÓRIO MUNICIPAL DA LOUSÃ
AUDITÓRIO MUNICIPAL CANTANHEDE

DISTRITO DE LEIRIA – 2 SALAS

CINEMAS CITY - Leiria
AUDITÓRIO MUNICIPAL – CASA DE CULTURA- FIGUEIRÓ DOS VINHOS

DISTRITO LISBOA – 6 SALAS

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA - LISBOA
CINEMATECA JÚNIOR – PALÁCIO FOZ - LISBOA
PEQUENO AUDITÓRIO CULTURGEST – LISBOA
GRANDE AUDITÓRIO CULTURGEST – LISBOA
CINEMAS NOS – LISBOA e TORRES VEDRAS

DISTRITO SETÚBAL – 3 SALAS

CINEMAS NOS – ALMADA FÓRUM
AUDITÓRIO MUNICIPAL DO SEIXAL – FÓRUM CULTURAL
CINEMA - AUDITÓRIO CHARLOT - SETÚBAL

DISTRITO BEJA – 3 salas

CINE TEATRO MÉRTOLA
CINETEATRO OURIQUE - SOUSA TELLES
AUDITÓRIO MUNICIPAL CASTRO VERDE

DISTRITO FARO – 2 salas

AUDITÓRIO BIBLIOTECA MUNICIPAL CASTRO MARIM
AUDITÓRIO MUNICIPAL OLHÃO

REGIÃO AUTÓNOMA AÇORES – 1 sala

TEATRO MICAELENSE – Ponta Delgada



Fotogramas de *Jaime*
Realização: António Reis

Portugal, Curta-metragem, 1974, 40 min

O filme parte de uma descoberta: a da obra de artista plástico de Jaime Fernandes, internado num Hospital Psiquiátrico. O material encontrado é de facto fascinante: toda uma galeria, monótona e obsessiva, de corpos de homens, e, sobretudo, de animais, traçada numa rede densíssima de linhas, num grafismo simultaneamente nítido e emaranhado. É claro que o cineasta nos obriga a passar os olhos repetidas vezes por estas figuras compactas e esmagadas, e se interroga *sobre a forma de apelo* que se desprende desta atividade desesperada e insistente. Ao mesmo tempo, são postos em relevo certos fragmentos de cartas com frases aparentemente desconexas. Percebemos que Jaime *nos* quer dizer qualquer coisa, e que essa *qualquer coisa* lhe escapa, e daí a repetição, a monotonia referida, a evidência incontrolável desse ensinamento – *qualquer coisa* que, para nós, espectadores, surge como definitivamente perdida. O filme joga-se por inteiro no segredo desta dor irrecuperável: por isso podemos dizer que *Jaime*, sendo uma obra sobre a loucura e a criação, sobre o atroz vazio dos gestos no recinto de um asilo para loucos, sobre a nostalgia muito funda de uma harmonia apagada, é, acima de tudo, uma espécie de reflexão rasante à superfície das imagens onde nos é dado pensar a *solidão imensa* em que cada destino se configura.

Alguns poderão supor que esta primeira obra de António Reis (que, muito embora contando com a colaboração de Margarida Martins Cordeiro, não a promove ainda ao papel de autora) é algo de consideravelmente diferente daquilo que nos virá a surgir com *Trás-os-Montes* e *Ana*. É lícito supor o contrário: que é precisamente aqui que se inscreve todo o espaço em que se vai desenrolar o trabalho artístico de António Reis – na medida em que o eixo caos-cosmos, loucura-serenidade, se afirma desde logo com uma precisão iniludível. De certo modo, todo o cinema de António Reis *repete o gesto de Jaime*: é uma vitória precária do cosmos sobre o caos, da harmonia sobre as trevas, da arte sobre a loucura. Se há qualquer coisa que explica a minuciosa e insensata obsessão de António Reis e Margarida Martins Cordeiro em relação aos seus filmes, isso passa seguramente por uma

exigência, sempre sentida com particular acuidade, de travar o passo à desordem e à turbulência que a cada instante se insinuam ao longo das noites de cada dia.

Jaime constrói-se a partir de imagens do hospital onde Jaime Fernandes viveu grande parte da sua vida. Essas primeiras sequências são envolvidas na espessura de um silêncio sem tréguas: é a inutilidade dos passos que se dão, é a desmesura dos gestos face à paralisia do mundo, é a rotina dos dias sempre iguais acumulada no mais fundo e entranhado dos objetos de uso comum, é a tentativa de nos aproximar (cautelosamente, numa espécie de pudor e reticência) de um mundo que, por definição, se coloca sempre no interior da própria separação irredutível. Depois a música *entra* na imagem – e deparamos com uma constelação de referências que determina a problemática do filme: por um lado, o canto de Armstrong, interminável modulação da dor; por outro, Telemann e a recuperação de uma natureza cada vez mais vivida numa espécie de assombro (é espantoso o modo como António Reis, ao restituir o espaço rural da primeira vida de Jaime, lhe confere uma espécie de vibração alucinatória e de violência mágica); por fim, Stockhausen, através do qual se opera *o cálculo do caos*.


É este tecido subtil, e discretamente trabalhado, que impede o filme de deslizar para qualquer das suas eventuais perversões: fosse, talvez a mais óbvia, a de uma denúncia das condições hospitalares (que está presente, mas rasurada como formulação ideológica); ou então a de uma possível tendência para equacionar em termos pesadamente teóricos a relação entre a arte, o espaço da criação e a loucura; ou ainda, embora num plano mais recuado, a possível metáfora de um destino português de clausura e impotência: louco, sim, porque «quis grandeza qual a sorte a não dá». Mas *a sorte* é aqui uma palavra fundamental: digamos que *toda a sorte* do filme se concentra na relação que Jaime teve *com a sua sorte*, e por isso o filme desaba sobre nós próprios e a nossa inevitável relação com a sorte que nos cabe. Como diria Maria Velho da Costa, num pequeno livro com o qual *Jaime* tem muito a ver, *Português, trabalhador, doente mental*, «o que o louco reivindica é o privilégio *total* que, de facto, alguns detêm, *sem nenhuma razão* – o psicótico é aquele que delira grandezas e bens como um direito próprio ou que se arroga poderes de crítica radicais a todo o sistema social em que está inserido – ou que desiste totalmente se não possui *tudo*. Por só ser e possuir demasiado pouco». Donde, «o psicótico é o indivíduo cuja consciência de estar no mundo não suporta a excessiva diferença e distanciação entre os homens (que lhe é feita)». Toda a beleza deste filme admirável de António Reis resulta de *uma colocação do olhar*, não num lugar de saber teórico ou num posto de combate ideológico, mas nesse interior ilimitado que é o cerne da própria distanciação entre os homens.

Eduardo Prado Coelho – *Vinte Anos de Cinema português (1962 – 1982)*, 1.ª edição, págs. 62-65. Lisboa: Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983. Disponível em: <http://antonioreis.blogspot.pt/2004/08/004-jaime-critica-de-eduardo-prado.html>

FILMES. DEBATES. SEMINÁRIOS. INSTALAÇÕES. CONCERTOS.
WWW.CLOSEUP.PT

CASA DAS ARTES VN FAMALICÃO

15 ANOS 2001-2016






CLOSEUP

OBSERVATÓRIO DE CINEMA
CASA DAS ARTES DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

27 A 30 DE OUTUBRO 2016

***** "não será um festival no sentido mais comum do termo" - in Público

CINEMA
2 € (1 € - CARTÃO QUADRILÁTERO CULTURAL)
ENTRADA LIVRE: ESTUDANTES, SENIORES E ASSOCIADOS DE CINECLUBES)
BILHETEIRA ONLINE: [HTTPS://CASADASARTESVNF.BOL.PT/](https://casadasartesvnf.bol.pt/)
T. 252.371.297/8 F. 252.371.299
WWW.CASADASARTES.ORG | FACEBOOK.COM/CASADASARTESVNFAMALICAO

OBSERVATÓRIO DE CINEMA na CASA DAS ARTES DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

De 27 a 30 de Outubro, em vários espaços da Casa das Artes de Famalicão, vai realizar-se o primeiro episódio do **Close-up – Observatório de Cinema de Vila Nova de Famalicão**, com a realização de 25 sessões comentadas de cinema contemporâneo e com trilhos pela história do Cinema, sessões para escolas e para famílias, debates e instalações.

A programação será disponibilizada em:

<http://www.casadasartes.org/index.php>

<https://www.facebook.com/events/1735102760072990/>

A todas as equipas do PNC a nível de escola, solicitamos que enviem para o endereço pnc@dge.mec.pt imagens e outros documentos que possam servir para divulgarmos as vossas atividades.

O nosso obrigado a todos!

A equipa do PNC

Setembro | 2016

